

CLEPUL
em Revista

1

Março de 2015

CLEPUL tem nova direcção

Eleito em 28 de Fevereiro de 2015, Ernesto Rodrigues é acompanhado, na Direcção do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por José Eduardo Franco e Ana Paula Tavares (directores-adjuntos), Luísa Paolinelli (secretária), Luís Pinheiro e Paula Carreira (vogais).

Com 111 membros integrados, o CLEPUL representa um quarto dos dez centros, e 443 membros, da Faculdade de Letras de Lisboa.

Todas as iniciativas dos membros, doutorandos e colaboradores do CLEPUL serão registadas em publicação mensal, *online*, maciçamente distribuída por milhares de destinatários. Este é o primeiro número, incluindo matéria desde inícios de Fevereiro. Para memória futura.

Edição: Ernesto Rodrigues, Luís Pinheiro.

Francisco, leitor de Vieira

No dia 4 de Março, às 10 da manhã, recebeu o Papa Francisco delegação portuguesa que lhe ofertou os 30 volumes da *Obra Completa* de outro ilustre Jesuíta, o Padre António Vieira. Às 18 horas, na igreja de Santo António dos Portugueses, onde Vieira pregara, o bispo Carlos de Azevedo apresentava essa colecção de sermões, cartas, profética, vária. Organizei o nono volume dos Sermões; e anotei o volume XV, com o especialista em parenética João Francisco Marques, cuja morte turvou iniciativa que congrega 52 investigadores nacionais e brasileiros, coordenada por dois centros de investigação da Faculdade de Letras de Lisboa, em especial, pelo CLEPUL, que dirijo, substituindo José E. Franco, alma do projecto vieirino.

Vieira fez-se jesuíta professo em 1644 ou 1645, após os votos de castidade, pobreza e, dentro da obediência, obediência também ao Papa.

Reconduzindo-se à ortodoxia, não era um seguidista e imitador de superfícies. Os temas, sob forma de conceitos predicáveis, raíam, por vezes, a heresia, obrigando-o a declarar: «Até não me ouvirdes, não me condeneis.» – diz no *Sermão da Glória de Maria, Mãe de Deus* (1644), em que compara a glória de Maria com a do Criador, «a quem Maria criou». Em Janeiro de 1646, um lente jesuíta de Santo Antão denunciou-o à Inquisição como possuindo dois livros de profecias, a par de acusações como a de, na presença de D. João IV, filho D. Teodósio e fidalgos, sustentar Vieira contra o capelão régio «que o Pontífice podia errar na canonização dos santos, e não era obrigatório crer o contrário» (J. Lúcio de Azevedo, *História de António Vieira*, I, 3.^a ed., 1992, p. 137). Uma coisa é dogma, verdade da Fé; outra é liberdade de pensamento, capaz de tudo argumentar ou questionar. Aqui, começa a Universidade.

ER

Papa Francisco recebe *Obra Completa do Padre António Vieira*

«A justiça está primeiro que a devoção»
Vieira



«Vieira Global» é como se intitula o gigantesco projeto de investigação liderado pelo CLEPUL para disponibilizar ao grande público a obra toda e o conhecimento nacional e internacional do legado intelectual do Padre António Vieira.

O volumoso resultado da primeira fase deste projeto em 30 volumes, levada a cabo e con-

cluída em tempo recorde por uma equipa luso-brasileira de especialistas e investigadores, foi razão para a Reitoria da Universidade de Lisboa e o Reitor em exercício, António Cruz Serra, assim como o Reitor Honorário, António Nóvoa, liderarem uma comitiva para oferecer esta *opera omnia* ao Papa Francisco em

4 de março, com a realização nesse mesmo dia de uma sessão solene de apresentação pública no Instituto Português de Santo António em Roma.

Na verdade, o leitor amante da cultura, da criação literária, da ciência e da beleza começa a dispor, a partir de agora, da obra toda de um dos maiores e mais proficien-

tes oradores e escritores da Língua Portuguesa de todos os tempos.

O pregador, o conselheiro régio, o diplomata e o missionário jesuíta Padre António Vieira contribuiu para aperfeiçoar, de forma significativa, a língua portuguesa nos diferentes usos que fez da nossa língua ao longo do século XVII em que viveu e encheu com os seus altos ideais e ação apaixonada.

A preparação cuidada e sistemática da obra completa do Padre António Vieira tem sido reivindicada e tentada desde há mais de século e meio por estudiosos importantes da vida e do pensamento deste orador luso-brasileiro.

Na verdade, não se pode avançar com estudos abrangentes sobre a complexidade de uma vida e de uma obra tão vasta como a de Vieira sem primeiro realizar o trabalho preliminar e essencial de levantamento e edição total do legado escrito que chegou até nós e que se encontra disperso por muitos arquivos e bibliotecas por-

tuguesas, brasileiras e de outros países, onde a produção escrita deste autor encontrou acolhimento.

Projetos desta dimensão exigem um financiamento significativo e a reunião de equipas de investigadores qualificados em várias áreas e de vários países, assim como exigem um entendimento de base quanto a metodologias a respeitar e prazos a cumprir.

A dimensão do legado pluriforme dos escritos de Vieira e a sua dispersão em diferentes arquivos e bibliotecas de Portugal e do estrangeiro obrigou a recrutar, de facto, uma grande e qualificada equipa de carácter interdisciplinar para realizar o seu levantamento sistemático e exaustivo em ordem ao seu subsequente tratamento pré-editorial e editorial.

Em vez de apostarmos numa pequena equipa, como aconteceu com os projetos anteriores, decidimos reunir uma grande equipa de mais de meia centena de investigadores e especialis-

tas em estudos vieirinos e áreas afins, fundamentalmente de universidades portuguesas e brasileiras, que aceitaram o desafio de trabalhar em conjunto, de forma concertada, dos dois lados do Atlântico para levar a bom termo este projeto. Além do concerto de vontades e de métodos conseguido em intensivas reuniões de trabalho, foi necessário garantir um financiamento suficiente. Primeiro, conseguimos pequenos apoios de algumas instituições beneméritas, mas que estavam a ser manifestamente insuficientes na fase de arranque do projeto, correndo o risco de fazer perigar o andamento da obra.

Até que a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, na pessoa do seu Provedor, Pedro Santana Lopes, decidiu, com uma extraordinária visão e sensibilidade, tornar-se mecenas principal e dar o apoio decisivo e substancial para que este projeto fosse bem sucedido. Assim aconteceu. As pessoas que já estavam a trabalhar no

projeto estiveram à altura de corresponder à confiança depositada através de um financiamento suficiente para que o projeto não deixasse de se concretizar por falta de recursos financeiros.

Por seu lado, também foi academicamente importante o apoio institucional da Universidade de Lisboa na pessoa do seu Reitor, António Sampaio da Nôvoa, e continuado pelo atual, António Cruz Serra, que colocaram este projeto sob a égide de universidade onde se integra um dos seus maiores centros de investigação em humanidades, o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias. Não menos relevante foi a disponibilidade revelada pelo Círculo de Leitores para apostar num projeto editorial desta grandeza e complexidade em tempo de grave crise no mundo editorial português, arriscando editar 30 volumes de um clássico do século XVII sem a certeza do bom acolhimento dos leitores, o que veio a verificar-se.

A presente publicação cumpre um ideário de serviço à cultura e à língua do mundo lusófono, mas também atende ao desejo de muitos admiradores e cultores que, desde o tempo deste autor, procuraram dar ao prelo a sua obra. A publicação dos escritos de Vieira permitirá conhecer melhor aspectos da história e do pensamento do século XVII, mas também os trântos da vida plurifacetada deste membro da Companhia de Jesus na relação com a vida, as grandes questões e o pensamento do seu tempo (cf. Pedro Calafate, *Da origem popular do Poder ao Direito de Resistência: Doutrinas políticas no século XVII em Portugal*, Lisboa, Esfera do Caos, 2012, p. 208 e ss.). Dele escreveu, impressionado, Álvaro Dória para afirmar que Vieira representa por antonomásia o conturbado e ao mesmo tempo fascinante século XVII: «Quando penetramos no estudo da história do século XVII português, tão contradi-

toriamente considerado por historiadores e pensadores, uma figura há que avulta imediatamente aos nossos olhos, majestosa e absorvente: o Pe. António Vieira. Efetivamente ele encheu aquele século; podemos aventar que ele é o seu século, e também que este se encontra inteiro no grande Jesuíta.» (A. Álvaro Dória, «António Vieira no seu Tempo», in *Revista Ocidente*, vol. LXI, 1961, p. 101)



Vieira foi grande, como eram as representações dos modelos feitas do homem barroco. Foi excessivo, desmesurado, tanto nas suas ideias e projetos como nas suas contradições. Mas também, no juízo de muitos, ressalta a percepção de que o século português de seiscentos não

esteve à altura do seu génio incompreendido e, não poucas vezes, perseguido, ameaçado, preso e condenado.

Os textos de Vieira revelam uma grande atualidade, por exemplo, no plano da sua reflexão sobre a coerência entre Fé e Vida, sobre os Direitos Humanos, a paz, o ecumenismo, a crítica à

corrupção, o diagnóstico que faz aos problemas estruturais perenes de Portugal, as soluções que apresenta para tornar o nosso país mais empreendedor, assim como a sua crítica às instituições de bloqueio do nosso progresso, como o caso da Inquisição, além da análise certa que realizou à menta-

lidade atávica portuguesa, como a inveja, a maledicência sistemática e a falta de incentivo político e social aos portugueses com talento e mérito que muitas vezes têm de sair da sua pátria para encontrar reconhecimento e espaço para pôr a render as suas competências.
José Eduardo Franco





João Francisco Marques, o mestre, o amigo e o sábio

João Francisco Marques (1929), falecido em 6 de março, não foi só um grande professor e mestre, foi um amigo e um companheiro. Deixou aquele rasto de luz, de entusiasmo, de sabedoria que só os grandes mestres sabem deixar-nos. João Francisco Marques foi mestre de muitos colegas nossos que dele beberam o saber histórico e o saber da vida vivida como de uma fonte que jorrava abundante.

Morreu um grande homem, ficou-nos um grande exemplo, pois não há melhores mestres para a vida que reconstruímos em cada manhã, em cada passo nos caminhos cheios de laços da existência humana,

do que o exemplo dos grandes homens.

Recupero palavras já escritas noutra lugar e que pensei com a minha colega e amiga comum Ana Cristina da Costa Gomes: «João Francisco Marques foi um nome grande da historiografia portuguesa contemporânea. São incontornáveis os seus estudos aprofundados de campos quase inteiros em termos de uma abordagem crítica moderna como a oratória sagrada, o papel dos confesores régios nas cortes portuguesas, a pregação ideológica e a ação de eclesiásticos no plano político, nomeadamente na defesa da causa autonomista e durante o complexo processo da Restaura-

ção Portuguesa, além das questões àquelas associadas do sebastianismo e da utopia do Quinto Império; sem falar no estudo demorado de polémicas várias da cultura portuguesa como aquela que no século XIX deflagrou em torno da corrente protestante.

Detentor de um inconfundível estilo erudito peculiar, que poderíamos justamente classificar de vernáculo superior, João Francisco Marques, com base em pesquisas documentais exaustivas e rigorosas, tem contribuído significativamente para a renovação da historiografia do universo religioso em Portugal.

Mas um dos aspectos

mais notáveis do seu trabalho de historiador especializado em história religiosa é a superação da história institucionalista e confessionalizada, procurando um caminho de distanciamento e de modernidade crítica. Faz do fenómeno religioso não uma realidade isolada, desenraizada do resto, ou colocada acima de tudo o resto, mas constituída como interface privilegiado onde se cruzam, para efeitos hermenêuticos, a política, a cultura, a educação, a literatura, a ideologia. Usando ferramentas de outras áreas científicas que não só da história, propõe abordagens interdisciplinares dos temas religiosos, enquadrando-os, para efeitos de compreensão cabal das inter-relações temáticas, no universo mais vasto e unificante da cultura.

A sua formação colhida em Portugal e em França (onde foi discípulo de figuras cimeiras da historiografia francesa contemporânea como Jean Delumeau), o conhecimento de outras disci-

plinas e métodos, tem-lhe permitido modernizar a produção histórica, no que à religião diz respeito, restituindo-a à cidadania da cultura, donde foi de algum modo marginalizada.»

João Francisco Marques foi, sem dúvida, na nossa comunidade científica um dos mais sábios e abalizados especialistas vivos no que diz respeito às relações entre a Igreja Católica e o seu múltiplo universo institucional e ideológico com outros campos confessionais, institucionais, ideológicos, culturais e mentais, cujos estudos são visitados por especialistas de outras áreas disciplinares.

Os seus trabalhos são uma referência incontornável para os investigadores, professores e interessados em geral na área larga da história religiosa; povoam revistas, colectâneas, obras colectivas editadas no nosso país e no estrangeiro, sendo de destacar a sua importante participação no segundo volume da *História Religiosa em Portugal*, no *Dicionário*

de *História Religiosa de Portugal*, ou mais recentemente na *Enciclopédia de Fátima*.

Recordamos aqui a sua obra magna *A parentética da Restauração Portuguesa*, que consagrou João Francisco Marques como estudioso da Oratória portuguesa, obra preciosa e obrigatória para todos os que visitam o século XVII português e se interessam pela problemática religiosa-política e pela sociologia ideológica do conturbado período da transição do domínio espanhol para a independência portuguesa.

Mas a fascinante personalidade de João Francisco Marques – inteligente, possuidora de uma afaibilidade rara, detentora de um superior sentido de humor divertido, multifacetada na escrita e nos interesses culturais –, não tem marcado o saber historiográfico apenas pela investigação inovadora. Deixa também a sua marca na cultura portuguesa pelo convívio fecundo com grandes homens da literatura

e do cinema, entre os quais cumpre destacar José Régio e Manoel d'Oliveira. Em favor do primeiro, promoveu a criação do Centro de Estudos Regianos. Do segundo tem sido um dos seus mais fiéis conselheiros e amigos, tendo estado como especialista por detrás de famosas peças cinematográficas realizadas pelo cineasta, e chegado a entrar em alguns dos seus filmes como ator. Como ator de grande gabarito, fez de cardeal e entrou num filme célebre sobre o mais notável pregador português de todos os tempos: António Vieira. Pela via do estudo da parenética, dos confesores régios e da História Religiosa Moderna, João Francisco Marques tornou-se um especialista abalizado do Padre António Vieira. Vieira ocupa nos seus estudos um lugar especial, com muitos artigos publi-

cados, muitas análises feitas em estudos temáticos do século XVII e da sua recepção, variadíssimas conferências proferidas em tribunas nacionais e internacionais, muitas teses e trabalhos orientados, onde o incontornável jesuíta emerge quer como figura central, quer como figura que se cruza de muitas maneiras nos palcos sempre complexos da história. João Francisco Marques foi, pois, um dos grandes especialistas que conheceram, com muito rigor factual e contextual, o universo do Padre António Vieira, o seu século e a dimensão da sua obra integrada nas correntes intelectuais, literárias, políticas e religiosas do seu tempo.»

Em jeito de nota e apelo: João Francisco Marques era um investigador em toda a altura desta vocação. Vocação/profissão/*hobby* que associava à

de cuidadoso bibliófilo. Deixou uma biblioteca notável e vários projetos em fase avançada de conclusão, com destaque especial para o *Dicionário de Oratória Sacra Impressa em Portugal* (5 volumes). Ninguém sabia tanto sobre este assunto como João Francisco Marques. A melhor homenagem que se pode fazer a este notável homem de saber, que era uma biblioteca viva, seria criar um espaço público para disponibilizar a todos a sua biblioteca com o seu nome e reunir recursos para sustentar uma equipa de investigadores que dessem ao prelo o *Dicionário de Oratória* e outros projetos em que estava a trabalhar. Figura tutelar na edição da *Obra Completa* do Padre António Vieira, coordenou o tomo II, volume XIV: *Sermões Fúnebres*, 2013. **José Eduardo Franco**

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro

O Grupo 6 do CLEPUL, capitaneado por Vania Chaves, abalçou-se, desde 2006, a compulсар os 82 volumes do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, já matéria em palestras e colóquios, e de que saem, agora, os balanços mais alentados. Foi primeiro objectivo rastrear a produção feminina, cujo catálogo, editado pela BNP, com aquela assinam Isabel Lousada e Carlos Abreu.

Nos três primeiros anos, elas não colaboram; a pouco e pouco, entrevê-se, também entre as senhoras, uma distinção social, que faz com que, para surpresa nossa, tenhamos aí a mãe de Jorge de Sena ou familiares do bibliotecário eborense Cunha Rivara. E, se o número de textos, entretanto, cresce, fica muito aquém dos assinados por homens, sendo que parte dessa produção é de autoras falecidas. Certo é que urge rever um cânone epocal. Maioria de poemas, menos prosa e

bastantes passatempos tipificam essa presença. Salvo algum ano excepcional, as lusitanas estão mais presentes que brasileiras e africanas.

Conscientes da diversa geografia que pode acompanhar um nome e da diferente assinatura que uma entidade pode comportar, de escritos com várias assinaturas, de iniciais problemáticas, da sobreposição do nome de solteira e casada, de identificações incompletas, de nomes gralhados, de pseudónimos, são registados 1277 nomes. Mesmo aceitando casos insolúveis – que as apresentadoras vão exemplificando, como salvaguarda de critérios lógicos –, teremos cerca de 1300 autoras, das quais é fácil extrair pepitas de qualidade, como logo na oitava que abre o catálogo.

Assinaladas colaborações provenientes de 21 estados brasileiros, o grupo 6 veio trabalhando, paralelamente, com investigadores do Rio Grande do Sul, cuja

presença no ALLB deu outro volume organizado por Vania Chaves, saído em Porto Alegre, pela Gradiva Editorial: *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Acompanha CD com poesia e prosa sul-riograndenses, aquela fixada e anotada por Vania Chaves e Beatriz Weigert, esta – onde salientamos António Maria do Amaral Ribeiro, minhoto emigrado – por Vania Chaves e Isabel Lousada. Laborioso trabalho de recolha e digitação é devido a Carla Francisco, Laura Areias, Maria José Madruga, Maria José Meira, Rosa Cristina Gautério, Gabriela Silva, Maria Manuel Marques, Mires Batista Bender, Nathália de Jesus Macedo, Simão Fonseca, Viviane Herchman. Ainda, a nossa malograda Filipa Barata.

O balanço das duas introduções, por Mara Ferreira Jardim e Vania Chaves, e dos 18 estudos críticos está feito pelo

prefaciador, Aldyr Garcia Sclee.

No seu segundo texto, Vania Chaves delimita essa produção do Rio Grande do Sul após o almanaque para 1857; desaparece em 1919 e tem só mais uma presença em 1932. Convoça, já, Anália Vieira do Nascimento, mestra no acróstico – não é a única –, sob cuja lírica se debruça Ana Maria Lisboa de Mello.

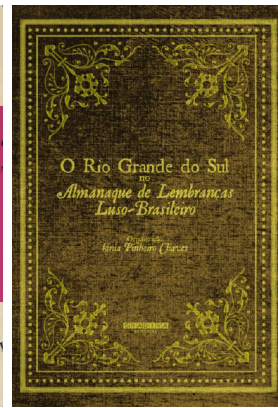
De família letrada, colaboradora entre 1871 e 1893, esta hugoliana de tonalidades finisseculares e prática de verso em álbuns, dedicatória de muitos, pede reunião em volume. Do irmão Damasceno Vieira, com outra recepção e peso, cura Beatriz Weigert, analisando miudamente alguns poemas, indo até ao caligrama. Estes irmãos ressurgem nos textos de Gabriela Silva, Laura Areias, Mauro Póvoas – sobre Damasceno crítico literário –, bem como em Maria Eunice Moreira, que presta atenção às demais vozes femininas, para concluir da negligência a que fo-



ram votadas as mulheres na história literária.

As intermediações, sejam imigrantes (por Arthur Vaz), seja um cônsul (por Maria da Conceição dos Santos Silva), podem levantar questões interessantes sobre uma presença nacional, seja, portuguesa... É o caso do Anónimo Portuense, dizendo em soneto de 1879: «Do pátrio Douro que deixei tão cedo»,.

Outros trabalhos versam aspectos salientes na produção sulina ou biografam personalidades. Estão, além, lembranças, cidades, poemas de morte, luto e memória, mitologia greco-romana, registos de cultura popular; aqui, Alfredo Ferreira Rodrigues, Bernar-



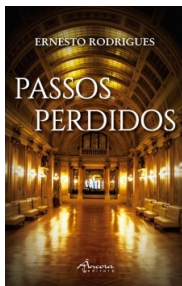
do Taveira Júnior, An-dradina de Oliveira, Tomé Mendes e, ai de nós, muitos anónimos.

Quem diria, há uns anos, que aqueles voluminhos enfileirados no CLEPUL iam resultar, para já, nestes alentados volumes... A devoção dos autores revela qualidades insuspeitadas em assinaturas que nos obrigam, assim, a uma lenta revisão do meio século romântico até ao primeiro terço de Novecentos. Outros resultados vêm a caminho. Inclinemonos perante esta investigação – e tanto esforço que reúne as margens do Atlântico.

ER

Passos Perdidos

Quando três personagens sobem a escadaria da Assembleia da República, vencem o detector de metais e caem no salão-corredor exibindo seis painéis a óleo sobre tela de Columbano que retratam 22 heróis pátrios desde o século XIII, não podemos deixar de pensar, também, que os designados Passos Perdidos (donde sai título, Âncora Editora, 2014) são uma imagem acusadora dos últimos dois séculos, em que o desleixo dos eleitos está longe de rivalizar com «os visionários D. Henrique e filho Afonso», e com aquele pequeno milhão que éramos em Quatrocentos, mas deu novos mundos ao mundo. Eis o cerne do problema, qual chaga aberta no Portugal contemporâneo



– eleitos e sistema eleitoral, sobre que tanto se fala, sem proveito, e que o voto soberano não pode caucionar.

Duzentos e trinta deputados, se magníficos, seriam música de esferas, senão puro maná; mas nem um filme sobre 12 magníficos faríamos, o que leva a perguntar da desrazão de alimentar parasitas além dos 180, como prevê a Constituição. Já agora, esta, que começou a ser redigida há 40 anos, pode ser facilmente depurada. Várias soluções estão previstas no diálogo entre dois estagiários de 24 anos, que representam a posição da juventude face à partidocracia. Desde a epígrafe, tirada da *Arte de Furtar*, alerta-se para a amálgama entre Política e Razão de Estado, ambas reduzidas aos interesses mesquinhos de sujeitos privilegiados, e sem elevação, que se eternizam.

Conviria, diz a jornalista estagiária – não somos todos estagiários da vida? –, «abrir os partidos à sociedade, a candidaturas indepen-

des, como nas autárquicas, antes que a sociedade os encerre em si mesmos.» Não desejo o fim dos partidos; estes é que, sem a qualidade exigível, não podem ser senhores de um destino coletivo. Mais: votando em partido, e em círculo nacional, devemos poder votar num candidato da nossa preferência, e não forçados a eleger os que são postos à boca do tacho, seja, nos primeiros lugares da lista. Entendo que a eleição uninominal só aterroriza inseguros, autocratas, que não deveriam merecer a confiança do eleitorado. Na *Lírica de João Mí-nimo*, há um poema, datado de Coimbra, Dezembro de 1820 – em vésperas de entrarmos no regime demo-parlamentar que nos governa –, em que Almeida Garrett, aludindo aos deputados, os avisa de que os olhos do mundo e dos portugueses estão sobre eles e que devem tremer do julgamento que prestaram: «tremei; que um Deus ouviu, que ouviu a pátria,

/ Que os seculos vindouros vos aguardam; / E no recto provir, ou gloria, ou mancha, / Com sêllo eterno vos espera a fama.» O século XIX, todavia, vai rir-se de eleitos que não eram melhores que os de hoje. Lembro um candidato madeirense à «dobadoura parlamentar», que já projectava lei, cujo artigo primeiro permitia «a todo o belleguim eleitoral o poder mamar na vacca do estado, sem pagar direitos de mercê, nem contribuição alguma». O deputado dividia-se, então, em *janota* e *pé-de-boi*. Aquele, jovem e vestindo à parisiense, luneta, «tem ordinariamente desde a idade legal até aos quarenta annos». Tenho um assim, sem luneta, mas *sery* (diz quem nada tem para dizer). Prima por chegar tarde, sentar-se, vaguear pela sala, cumprimentar repetidas vezes, complacente para as galerias. O *janota* representa-se «ordinariamente a si e à sua *toilette*». No seu «borboletismo», vai de partido em partido: «Os

maldizentes chamam a isso falta de carácter, elasticidade de consciência, frouxidão política, moléstia de S. Bento, etc.»

O segundo, respeitável, «verdadeiro *pae da pátria*», parece mais velho do que esta, é um *pé-de-boi*, gebo parlamentar, calva semicircular ou chinó. Move-se entre «dois colarinhos monumentaes», usa «colete de rebuço descommunal», grave, sossegado, roncando, se dorme, e, acordado, prefere «ordem», enquanto a *janotagem* grita «apoiado». «O deputado *pé de boi* representa o seu voto.» Mas essa de «pai de pátria» intrigava um tal Silva Costa, que cito da *Gazeta Literária* (1867): «Dizem que o *deputado* é um *pae da pátria*. . . ora tendo a pátria tantos paes, dá uma ideia pouco favorável da virtude de sua mãe. Isto é lógico. Que um *pae* tenha muitas filhas, é natural, comprehende-se: mas que uma filha tenha muitos paes. . . não há explicação possível. . . sem ofender a moral.» Quanto

a essa imagem, dou outros exemplos de Latino Coelho a Ramalho, de Eça a Teixeira de Queirós – na minha edição de *A Queda Dum Anjo*, que começou a sair em folhetim há 150 anos, e foi primeira inspiração. . .

Se a glosa de Camilo é evidente, será menos o único e longo discurso de João Félix Filostrato, adaptado de outro, do futuro chefe progressista José Luciano de Castro, em 1865. Ou seja: as boas intenções deslizando da tribuna parlamentar ficam sempre em águas de bacalhau. E, claro, não podemos continuar nisto. Reflexão sobre a democracia em semana pascal – seja, entre os próximos dias 1 e 9 de Abril –, esta fábula política é, todavia, salva, no final, por um bem enredado discurso amoroso. O que São Bento tem de chorriho e lábria inútil, tem a saudade amorosa de recato e grata consequência. E, sendo estagiários da vida, resta-nos gozar a felicidade. . . **Ernesto Rodrigues**

A Lísbia

Lisboa não é só fado, futebol e turismo. Lisboa tem e merece tudo. O que seria de Pessoa sem Lisboa? O que seria de Camões sem Lisboa? O que seria de tanta gente e de mim próprio sem Lisboa? E a falta que dela sinto quando estou longe, sem essa luz sublime que o sol reflecte no calcário branco da calçada portuguesa, filigrana maior do meu afecto? Lisboa é um catálogo único de arquitecturas, de arte, literaturas, virtudes e defeitos, boémias, amores e desamores, revoluções e pulhices para todos os gostos. E é verdade, confesso que no

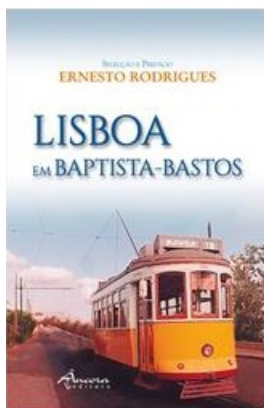
fundo sou impenitentemente um «lísbio».

Aprendi com Baptista-Bastos (o «BB») o sentido de ser lísbio (tiremos-lhe as aspas), aliás penso que o termo é dele. Mas isso é coisa que só se aprende vivendo, não dá para manuais. Só que o BB veste-lhe a pele naturalmente. Da velha Ajuda aldeã, no bellissimo (para mim imortal) *‘ão Velho entre Flores* até ao Tejo, à Baixa, à Mouraria e a Alfama, ao saudoso Bairro Alto dos jornais, do cheiro a tinta das intrigas, das conspiratas e dos botecos de má fama, Lisboa emerge sempre na vastíssima obra do BB, tão intenso e forte na prosa como aquele

punch seco e eficaz dos boxeurs. É arte e feito dele.

O professor Ernesto Rodrigues publicou agora *Lisboa em Baptista-Bastos* (Ed. Âncora), um estudo competentíssimo e rigoroso. Fui ao lançamento, e o velho anfiteatro II da Faculdade de Letras estava repleto de juventude. Foi uma bela lição de literatura. E gente da «kultura», da Câmara de Lisboa, da dita «informação cultural», estava ali alguém? Nada, zero, népia. A Lísbia fica e eles passam. Ao menos que leiam. **Elísio Summavielle**

[Jornal *i*, 28 de Fevereiro de 2015.]



*O Fio das
Lembranças.
Biografia de
Amadeu
Ferreira*

Título lançado na Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa, onde Amadeu Ferreira (falecido em 1 de Março) era professor convidado, em sessão presidida por Teresa Beza, damos excertos das apresentações de Luís Vaz das Neves, presidente do Tribunal da Relação de Lisboa, e da autora.

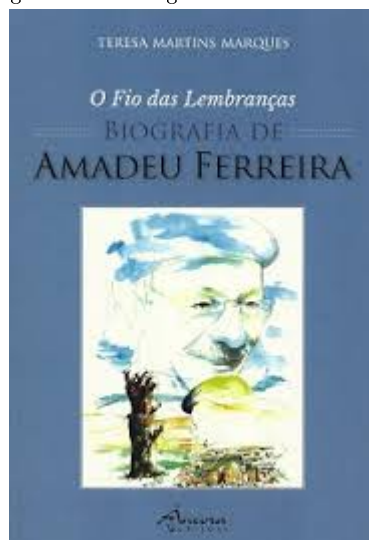
Retratista de estados de alma, a Professora Teresa Martins Marques apresenta-nos um Amadeu Ferreira menino, que vai crescendo de conto em conto, perante os nossos olhos incrédulos, até se tornar no homem que sempre esteve para além do seu tempo, um homem de uma simplicidade desarmante e desarmada, um verdadeiro cavalheiro, porque a nobreza está no coração. Transgressora do imaginário e de quimeras, a

Professora Teresa Martins Marques vicia-nos na leitura compulsiva desta Biografia, ao mesmo tempo acutilante e sensível, de que brotam lágrimas, sangue e gargalhadas, sempre renovada de fantasias e ideais, um verdadeiro vendaval de emoções.

E se, como diz o Povo, «os opostos atraem-se», não é menos verdade que os iguais complementam-se e dão consistência a algo maior, como aconteceu no presente caso: estamos perante uma autora com uma escrita graciosa e original e um homem corajoso e de uma rara sensibilidade, capaz de inspirar esta Biografia!

A par de uma leitura que nos corta a respiração, de tão pungente e de tão real – em que se contam histórias de ontem e de hoje como num presságio de amanhã –, surgem, além das 399 páginas escritas de um fôlego apaixonado e apaixonante, simultaneamente antropológico e biográfico inspirado num Homem nascido a 29 de Julho

de 1950, outras 392 páginas que a Professora Teresa Martins Marques integra na recolha de «outras vozes», «notas e estudos críticos», «entrevistas», «bibliografia» e «webgrafia».



Com a solidez de carácter e a modéstia que lhe são peculiares, a Professora Teresa Martins Marques não deixou de, expressamente, referir nesta obra o trabalho que foi também desenvolvido pela família e pelos amigos comuns, imprescindível para descrever a singularidade, o colorido e a riqueza de vida de Amadeu Fer-

reira. Sendo alma gémea de Amadeu Ferreira, e assim bem o compreendendo, a Professora Teresa Martins Marques sentiu que tinha de dignificar a sua memória escrevendo esta obra memorável – espelho da sua generosidade –, em que o descreveu como «Um homem corajosíssimo», que segue à risca o provérbio mirandês: ‘An ruin anho, buona cara’» (pág. 18). A determinação das suas convicções nunca lhe retirou a delicadeza genuína e inesperada com que nos brindava a cada instante, e que fazia acompanhar de uma gargalhada franca, que lhe vinha do mais profundo do seu ser. Era um homem que falava a rir e que assim nos abraçava, confortava e conquistava para uma aventura sem roteiro prévio, para um desafio contínuo. A mãe foi a mulher que mais lhe marcou a vida, aquela que ele aconchegou no seu peito, ora de menino, ora de homem, o seu astro redentor, a sua brisa, o seu raio

de luz, a sua inspiração e o seu primeiro e mais puro amor, o seu abrigo das mágoas e a sua inspiração. A par de sua mãe, também o pai lhe marcará o destino como barómetro de Vida, sendo que ambos lhe servirão de bússola para delinear o caminho a caminhar.

É assim que vemos Amadeu Ferreira, aos sete anos de idade, começar a falar a língua portuguesa a par da mirandesa, esta herdada do berço. Aos onze anos, já no Seminário, desperta para a Poesia que trazia adormecida algures no seu corpo franzino.

Nomeado para o Conselho Directivo da Comissão do Mercados de Valores Mobiliários, desde 15 de Setembro de 2005 que Amadeu Ferreira é ali Vice-Presidente do Conselho Directivo, cargo que ocupou até ao dia 01 de Março de 2015, data em que se inscreveu de saudade em cada um de nós. **Luís Maria Vaz das Neves**



Sou devedora insolvente para com o cineasta Leonel Brito, por ter filmado a entrevista de 31 horas a Amadeu e seus pais, sem a qual eu não teria conseguido escrever este livro no espaço de um ano, num verdadeiro contra-relógio, temendo não o concluir a tempo de Amadeu poder ouvir a sua história de vida. A eficácia da sua acção como escritor é bem visível na sua vastíssima bibliografia activa, cuja descrição ocupa 295 páginas no 3º volume da *Bibliografia do Distrito de Bragança*, publicada por Hirondino Fernandes, em 2012.

Para além do plano profissional, essa eficácia foi posta ao serviço da cultura e da literatura mirandesas, produzindo uma obra própria em todos os géneros literários e entregando-se ainda a tarefas hercúleas como a tradução para mirandês de *Os Lusíadas*, da *Mensagem*, da maior parte dos poetas portugueses do século XX, mas também dos latinos Horácio, Catulo e Virgílio, bem como d' *Os*

Quatro Evangelhos, a partir da *Vulgata* de São Jerónimo.

Para além da biografia do cidadão e do trabalho literário do escritor, este livro assume uma vertente de sociografia: a infância na Terra de Miranda, mostrando a vida a escorrer dificuldades, esse reino nem sempre maravilhoso, esse Portugal profundo dos anos 50 e 60, que via a emigração como alternativa à miséria; a adolescência e juventude nos espaços opressivos dos seminários de Vinhais e Bragança, como única saída para o estudo dos filhos dos pobres; a expulsão, a escassos seis meses do final do curso de Teologia, por adesão empenhada às doutrinas renovadoras do concílio Vaticano II, em oposição às da hierarquia conservadora, enfeudada ao concílio de Trento; mostram-se alguns aspectos da intervenção no 25 de Abril e no 25 de Novembro, nomeadamente a cena em que se recusa a atirar as granadas que teriam feito um banho de sangue na Cal-

çada da Ajuda; seguimos a pobreza franciscana da militância na extrema-esquerda, a passagem pelo Parlamento e a dissidência ideológica – no seminário por comprovado desvio de esquerda e na UDP por alegado desvio de direita. Depois o vazio, o recomeçar do zero, deixando inacabado, e também prestes a terminá-lo, o curso de Filosofia, e aos 35 anos, metendo ombros ao curso de Direito, que faria com brilhantismo – foi o melhor aluno – para, em seguida, se tornar uma das maiores referências portuguesas nos estudos dos valores mobiliários, construindo uma carreira fulgurante na CMVM.

Henri Bordeaux sustentava que toda a biografia digna de ser escrita é a história de uma ascensão. No presente caso, não apenas de Amadeu, mas do povo mirandês, da sua cultura, da sua língua. É uma ascensão que vem de muito longe, dos confins da Idade Média, pois eram medievais as condições de vida, em Sendim, alu-

miados à luz da candeia, sem água, sem casa de banho, acotovelando-se sete pessoas em escassos 20 metros quadrados. Amadeu assumiu-se pai dos irmãos, dando explicações de manhã à noite, para lhes pagar os estudos, numa abnegação total, numa solidariedade inaudita, num jovem de 22 anos. E o que se diz da família, poderíamos dizê-lo de tantos amigos presentes nesta sala a quem ele concedeu o dom da atenção, da palavra no momento certo, sendo este o verdadeiro amor ao próximo, demonstrado por palavras e obras de um agnóstico, mais religioso do que muitos cristãos que conhecemos.

Entre os inúmeros livros que leu na adolescência, destaco um, que o marcou profundamente para o bem e para o mal. Intitula-se *O Jovem de Carácter*, de Tihamér Toth, professor da Universidade de Budapeste. Palavras como «carácter», «vontade», «querer», «ideal», «trabalho», «perfeição», passam a ser essenciais

e todos os dias as exercita, com posturas de automotivação intelectual, mas também de mortificação. Num papelinho que encontrei num livro de adolescência, lê-se, escrito pela sua mão: «Devo fazer todos os dias uma coisa de que não gosto. Tenho de começar pelas coisas pequenas, as grandes virão depois.» Uma outra frase que ele sublinhou aos 14 anos diz-nos: «Começa o teu trabalho onde milhões o abandonaram.» E foi assim que o começou junto dos jovens pobres que tinham ficado pela 4^a classe, criando uma escola nocturna gratuita em Sendim. E foi também assim que ajudou colegas prestes a abandonar o curso na Faculdade, como lemos nalguns depoimentos. E foi também assim que escreveu para os colegas, a título gratuito, num gesto de grande solidariedade, as 800 páginas da sebenta de Direito Penal.

Amadeu soube sempre recomençar do zero,

soube sempre seguir em frente, quando se enganou no caminho, como nos mostra a sua participação e abandono da UDP. O sofrimento com a saída do seminário e mais tarde da UDP foi bem maior do que poderíamos imaginar. Mesmo as pessoas autoconfiantes como Amadeu têm momentos de depressão, mas saem deles mais depressa. Quando se viu a braços com o tema de mestrado Ordem de Bolsa, de que não percebia rigorosamente nada, rapidamente encontrou o norte, com a sua extraordinária capacidade de passar de ignorante a especialista. E não se pense que esta opção pelo estudo dos mercados estava livre de lhe provocar questionamentos de natureza ideológica.

Constitui mais um exemplo da sua intervenção cívica o livro de homenagem que, já muito doente, Amadeu fez, sob forma de entrevista, ao coronel Teófilo Bento, um dos capitães

de Abril, entrevista essa filmada por Leonel Brito e cuja saída se aguarda, também pela Âncora Editora.

Na biografia que hoje aqui apresentamos, entra-se nela por um «Pórtico». A palavra grega para pórtico é «stoa», que significa lugar por onde se passa. É desta palavra «stoa» que deriva o termo «estóico», não por acaso a filosofia que Amadeu tentou seguir. Se eu tivesse de escolher uma única palavra para classificar este ser humano inteiro, como na ode de Ricardo Reis, escolheria a palavra sinfonia, também em homenagem à sua faceta de professor de música. Peço-a emprestada a Bernardo Soares, no *Livro do Desassossego*, «Minha alma é uma orquestra oculta; não sei que instrumentos tangem e rangem cordas e harpas, timbales e tambores dentro de mim. Só me conheço como sinfonia.» **Teresa Martins Marques**

As Malícias das Mulheres – Discursos sobre Poderes e Artes das Mulheres na Cultura Portuguesa e Europeia

O discurso sobre a mulher é, como escreve Maria Luisa Doglio, na introdução ao texto de Flavio Galeazzo Capra, *Della eccellenza e dignità delle donne* (Roma, Bulzoni Editore, 2001), um mosaico complexo e aventurar-se no seu estudo é seguir um caminho longo, tortuoso e plurissecular. Multiplicado por textos de caráter diverso – literários, religiosos, filosóficos, históricos, jurídicos, científicos –, é um lugar de convergência de diferentes vozes e perspectivas que criam imagens, figuras e orientações das quais se alimenta o pensamento ocidental sobre a mulher e que determinaram o seu estatuto no interior da sociedade. A complexidade do discurso sobre o feminino reside igualmente no facto de se cruzar com outros, como o do amor, da beleza, do casamento, dos preceitos morais e cívicos que são cultivados em géneros

diferentes, da lírica ao drama, e em tradições que se inserem tanto na cultura erudita quanto na popular.

Na produção de textos sobre o género feminino, na cultura europeia, encontra-se de forma continuada – atravessando vários séculos, contextos históricos e sociais –, e variada, porque realizada através de diversos tipos de géneros e modos, e afigurando-se, por isso, relevante, a temática da malícia e dos enganos das mulheres. Considerada como instrumento feminino, a malícia, misto de força e inteligência, representa nos discursos masculinos a forma privilegiada pela qual a mulher exerce poder sobre os homens, motivando por parte dos autores uma cuidadosa advertência em relação aos artificios por ela usados, dando exemplos, recorrendo a autoridades, citando textos de géneros diversos e de diferentes áreas

do saber, construindo, em suma, ao longo dos tempos uma verdadeira «inteligência universal» sobre os perigos representados pelas mulheres. O cultivo da temática dos enganos femininos e as respostas que ao longo do tempo os textos das malícias e enganos foram provocando, em variados espaços e tempos, permitem considerar os autos, diálogos, tratados, poematos, prosa moralista e humorista que se ocupam dos enganos das mulheres como um verdadeiro conjunto de tradições (na aceção de Daniela Marcheschi – *Il Sogno della Letteratura. Luoghi, Maestri, Tradizioni*, Roma, Gaffi Editore, 2012 –, segundo a qual, devemos compreender as tradições como múltiplas, e não entender os fenómenos a partir de uma única, monolítica tradição, fazendo dialogar culturas e tempos) que ocupa a escrita dos homens, mas

também das mulheres. O discurso sobre as malícias é composto, inscrito em diversas literaturas e culturas europeias, devendo, assim, considerar-se na sua apreciação a interseção formal das tradições e géneros que, a partir da antiguidade greco-romana, tem contribuído para criar a tradição moderna das malícias e virtudes femininas. Na persistência de temáticas e *topoi*, os textos interligam-se, num jogo contínuo de espelhamentos, citações e exemplos, numa verdadeira geologia de escritas, para identificar e dar como provados os defeitos femininos, fruto de visões marcadas por múltiplos preconceito, morais, sociais, religiosos. Reconstrói-se, assim, o mosaico de relações, como explica Daniela Marcheschi de forma sucinta no prefácio à presente obra, que une a cultura clássica com a medieval, «o Renascimento ou o Século das Luzes aos ‘folhetos de cordel’ do século XIX.

Desta forma, a autora contribui para trazer à luz e relacionar num todo orgânico diversos itinerários teóricos e obras literárias, que não são só – deve-se reiterar – tornam textos menos frequentados familiares, mas também dizem muito da cultura europeia *tout court*: das conquistas de tipo progressista (com Agrippa, que chega a invocar o acesso das mulheres ao sacerdócio) aos preconceitos aninhados em pensamentos que incubem na nossa cultura de forma poderosa, como os de Schopenhauer, Nietzsche ou Freud.» (p. 12).

Do *Livro de Enganos*, traduzido na corte de Afonso X, o Sábio, passando por Baltazar Dias, pelos vários folhetos, poematos, até à preocupação expressa já no início do século XX por Emília de Sousa Costa, em *Olha a Malícia das Mulheres!*, a investigação segue o caminho dos textos que descrevem a mulher como mentirosa, infiel, traidora, gastadora e gulosa e

a acusam de servir o mal, em suma, de ser a perdição e desgraça dos homens. Dá voz igualmente às respostas femininas, como a de Paula da Graça, que defendem as virtudes das mulheres e acusam os homens dos enganos que estes imputam às senhoras. Respostas que, não raras vezes, recebem dos homens novas acusações, numa circularidade de argumentos e contra-argumentos.



Com uma antologia final de textos e uma bibliografia de obras europeias de enganos e malícias ainda a explorar, o livro oferece um estímulo à pesquisa futura, abrindo novas possibili-

dades de investigação, e deixa ao leitor a tarefa de reconstruir a imagem feminina, e a masculina, à luz dos discursos dos enganos e virtudes, dos ataques e contra-ataques, das incompreensões e compreensões existentes no discurso dos/entre os sexos. [Lisboa, Esfera do Caos, 2014.] **Luísa Antunes Paolinelli**

Judith Teixeira, *Poesia e Prosa*

Eis a obra completa, com textos inéditos, de uma escritora chave do modernismo português. Apesar de Fernando Pessoa ter declarado, em carta de 1924, que Judith Teixeira não tinha «lugar, abstrata e absolutamente falando», o facto é que conservou até à morte um exemplar da revista *Europa* por ela dirigida. Será então correto afirmar que as mulheres não tiveram qualquer lugar de protagonismo no momento de rutura e transgressão que foi o modernismo

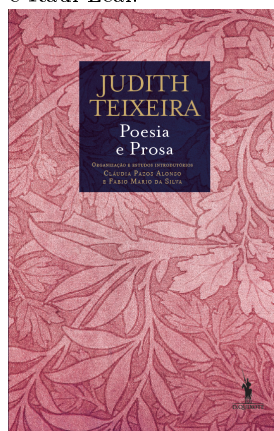
português? E, se o tiveram, porque é que foram esquecidas? Chegou a altura de reler Judith Teixeira sem preconceitos. Nascida, tal como Pessoa, em 1888, e contemporânea de Florbela Espanca, outra mulher a quem quiseram aplicar o rótulo de «poetisa», Judith Teixeira rompeu corajosamente com o padrão do silenciamento das mulheres no contexto do Portugal das *années folles*, para se tornar um sujeito ativo, que desvendou o corpo feminino sem pejo.

Esta nova edição traz a lume cerca de vinte poemas desconhecidos e uma conferência inédita, além de reunir as cinco obras de poesia e prosa que Judith Teixeira publicou em vida. No seu conjunto, o presente volume permite-nos situar devidamente esta escritora no lugar que lhe pertence por direito próprio, ou seja, em plena vanguarda modernista.



Judith Teixeira (1888-1959) alcançou noto-

riedade em Março de 1923 no seguimento da publicação da sua primeira coletânea de poesia, *Decadência*, quando foi alvo de uma polémica sobre a (i)moralidade da arte, a qual envolveu também António Botto e Raul Leal.



Antes disso, Judith já havia publicado em vários jornais, sob o pseudónimo de Lena de Valois, e contribuído para a *Contemporânea*, conceituada revista modernista. Apesar do escândalo, publicou mais dois livros de poesia, *Castelo de Sombras* (1923) e *Nua. Poemas de Bizâncio* (1926), e duas novelas publicadas sob o título de *Satânia* (1927). Caso altamente invulgar

para uma mulher desse período, Judith foi diretora da revista *Europa* em 1925 e escreveu uma palestra, intitulada *De mim. Em que se explicam as minhas razões sobre a Vida, sobre a Estética, sobre a Moral* (1926), provavelmente o único manifesto artístico modernista de autoria feminina no início do século XX em Portugal. Morreu quase desconhecida e permaneceu injustamente expurgada da memória coletiva e da história literária até há pouco, seguramente por causa do subtexto lésbico presente em vários dos seus poemas.
Fabio Mário da Silva

OUTROS LANÇAMENTOS

5 de Fevereiro

Café Santa Cruz (Coimbra) – lançamento do livro *A Força dos Dias. Redescobrir as virtudes*, de Henrique Manuel Pereira e de Vasco Pinto de Magalhães

– livro apresentado por José Eduardo Franco

4 de Março

Auditório da Fundação José Saramago – apresentação dos livros *O último europeu* de Miguel Real, e *A espiritualidade clandestina de José Saramago* de Manuel Frias Martins

20 de Março

Café Guarany (Porto) – lançamento do livro *Sir Fernando Pessoa. O relógio de bolso que esconde uma história*, de Maria Antónia Jardim

– livro apresentado por Isabel Ponce de Leão

MARIA ANTÓNIA JARDIM

SIR FERNANDO PESSOA
O RELÓGIO DE BOLSO QUE ESCONDE UMA HISTÓRIA



26 de Março

Aula Magna da Faculdade de Medicina do Porto – apresentação do livro *Nos interstícios da Alma & Canções*

de Desamor, de Maritim Afonso de Redondo, nome literário de José Eduardo Guimarães

– livro apresentado por Isabel Ponce de Leão e Miguel Cadilhe

27 de Março

Auditório 2 da Fundação Calouste Gukbenkian – lançamento do livro *Sir Fernando Pessoa. O relógio de bolso que esconde uma história*, de Maria Antónia Jardim

– livro apresentado por Pedro Teixeira da Mota

Auditório 2 da Fundação Calouste Gukbenkian – lançamento do livro *Judite Teixeira, Poesia e Prosa*, organização e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva

– livro apresentado por Fernando Cabral Martins

Centro Nacional de Cultura – apresentação do livro *Cultura XXI*, coordenado por Isabel Ponce de Leão e Sérgio Lira

– livro apresentado por Miguel Real

De prémios e de livros. *O Livro dos Guerrilheiros* e José Luandino Vieira

Conheces o sítio onde brilham as laranjas de ouro?
Fórmula de iniciar a estória usada por nDiki Ndia
e repetida por Kapapa

A pretexto de uma entrevista dada para a rádio por um guerrilheiro, em 1967, e do seu aproveitamento para um documentário a ser elaborado no pós-independência, Luandino recorre, na sua escrita rara e concisa, a uma técnica narrativa que ilumina os processos, cria cadeias de significação e estabelece nexos entre as diferentes estórias, os enigmas que cada uma contém e os provérbios que as suportam. Como na literatura da oralidade, aqui respeitam-se vozes que se adequam a cada conto com as suas repetições, aliteraões, polifonias, enfim, jogos de gramática para iniciados e oficiais que esta coisa de contar histórias é só para especialistas.

Disse o nosso mais velho, kamba dya Ngola,

Héli Chatelain, que a literatura oral «consta de um rico tesouro de provérbios ou adágios, de contos ou apólogos, de enigmas aos quais se podem juntar as tradições históricas, mitológicas, ou ditos populares, ora satíricos ora alusivos, ora alegóricos ou figurados, em todos se condensa a experiência de séculos e ainda hoje se reflecte a vida moral, intelectual e imaginativa doméstica e política das gerações passadas»¹.

O nosso mestre Luandino encarregou-se de despertar em todos nós a vontade de conhecermos ainda mais aquilo que amamos há muito tempo, nossa mãezinha Angola, trágica e sublimemente, oferecendo corpo a cada história, sacrificando filhos, como nos antigos livros, para salvar os outros. Leva-nos

com mão segura, como fazem os mestres a beber nesse rio colectivo que é a memória, Mnemosyne, que nos faz ser quem somos, falar as antigas e as modernas falas, olhar o passado para o assumir com todas as belezas e o sofrimento que comporta.

O exercício começa com o assumir de uma voz colectiva, EU, OS GUERRILHEIROS, onde se conclamam os vivos e os mortos, conforme notícias, mujimbos e mucandas, para contar os sucessos, se apropriar do sagrado e fixar para o futuro todas as coisas nossas e ordenar a verdade, aquela que não existe em balcão de cartório notarial, ou decreto do governo. Estabelecido este pacto com a história e mobilizado o seu discurso, a verdade desliza então para as vo-

¹ Héli Chatelain, *Gramática elementar do Kimbundu língua de Angola*, Genebra, Typ. De Charles Scuchardt, 1888-1889, p. XVIII.

zes, sobretudo as vozes que se afinam ao sabor das histórias: «cantarei o herói, o que sempre exemplificou seu povo, vida morte e luta, o dos cinco combates» (Virgílio e Camões falaram antes), assim começa uma das histórias, ou «não foi para isto que fomos nascidos: chorar, sozinhos, óbito de nossos mortos» (Héli Chatelain disse – a sabedoria das nações avalia-se pela frequência dos seus adágios)²; «Zapata, primeiro nome dele Emiliano. Era um centauro» (escreveu Steinbeck, filmou Elia Kazan); Era uma vez um homem (cantou Xerazade, quando embalou o mundo). Destas muitas maneiras e línguas e propósitos somos preparados para assistir ao desfilar dos contos com as suas fórmulas fixas que se podem articular e desarticular para formar a cadeia de sentidos que o nosso passado recente engendrou só para perceber um passado mais longínquo e entender futuros como quem tece

tapetes para prestar homenagens à história, à memória e à intriga.

Aprisionada a geografia (as geografias), leituras de rios, montanhas distantes, pode então o autor «passar a limpo as histórias de vida, pode ser em forma de conto, estória, aforismo, entrevista ou guião de filme. Inventadas ou recuperadas as vozes, através de um grande número de personagens revelam-nos, como se contassem antiquíssimos segredos, a sua variada densidade psicológica, sujeitos «entes-passados» e presentes, testemunhas de todos os acontecimentos, marcadas por uma infinidade de signos, que servem de suporte à narrativa e à leitura. São tipos, atípicos de situações que lhes criaram a máscara de «dramatis personae», cuja qualidade se aumenta na capacidade de recuperar o valor simbólico do processo de construção da nação.

Assim, Luandino nos surpreende de novo com

estas narrativas que se articulam ao anterior *Livro dos Rios*, enchendo de palavras (vozes, contos, provérbios, imitação dos clássicos) as paisagens anteriormente preparadas.

Pode então escrever-se na areia, passar a limpo para ser apagado, o sonho tanto tempo guardado, porque, a bem dizer, todo o discurso é arte de guardadores de sonhos e de rebanhos e cada época atribui à sua história o sentido que mais lhe apraz e Kene Vua, ex-guerrilheiro, tudo ouviu e passou a limpo: «Assim foi que fomos homens. Guerrilheiros; assim foi que ficámos ossos dispersos.» Deste e doutros livros levámos notícia à Póvoa de Varzim (Correntes d'Escritas, em 27 de Fevereiro) para lembrar o livro como local de memória, o livro do prémio que abalou um império – *Luuanda* –, o primeiro livro das nossas consciências. **Ana Paula Tavares**

² Ibidem.

A Violência no Romance Português Contemporâneo

Coordenação: Maria Isabel Rocheta

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sala de D. Pedro V

PROGRAMA

Serão estudadas três obras, publicadas nos últimos vinte anos: *A Árvore das Palavras* (1997), de Teolinda Gersão, *O Vale da Paixão* (1998), de Lídia Jorge, e *Jerusalém* (2004), de Gonçalo M. Tavares, representativas, de diversas maneiras, da figuração da violência no romance contemporâneo. A análise de personagens, focalização, voz, espaço e tempo, por um lado, e a consideração de tópicos como identidade e pertença, género e parentesco, convenção

e classe social, racismo e aculturação, memória e trauma, silêncio e testemunho, mitogénese e mitos fundadores, por outro, convergirão na leitura das obras.

OBJECTIVOS

Alargar o conhecimento da obra de distintos escritores portugueses contemporâneos; partilhar a análise e a interpretação de três romances de alta qualidade da Literatura Portuguesa; desenvolver e consolidar uma voz própria, debatendo a presença da problemática da violência

nos textos apresentados.

CALENDÁRIO

Teolinda Gersão, *A Árvore das Palavras* (04 e 11 de Março)

Maria Isabel Rocheta (CLEPUL)

Lídia Jorge, *O Vale da Paixão* (18 e 25 de Março)

Fátima Fernandes da Silva (CEC/UL)

Gonçalo M. Tavares, *Jerusalém* (08 e 15 de Abril)

Maria Isabel Rocheta (CLEPUL)

SEMINÁRIOS

17 de Fevereiro

Sessão LV, Seminários à Hora do Almoço: Juliana Cristina Bonilha Nunes, «*Revista Feminina* (1915-1936): reflexões sobre tradição e modernidade»

25 de Fevereiro

Sessão LVI, Seminários à Hora do Almoço: Catarina Pereira, «O turismo e as comunidades religiosas dehonianas no Norte e Centro de Moçambique»

13 e 14 de Março

Faculdade de Letras de Lisboa – Seminário Anual de Estudos Ibéricos e Europeus dedicado à temática «Cultura por oposições». Iniciativa do CLEPUL/Grupo de Es-

tudos de Protonaciona-
lismos na Europa da
Universidade de Alcalá
de Henares

16 de Março

Sessão LVII, Seminários

à Hora do Almoço: Ma-
nuel Sérgio, «Desporto e
a ideia de corpo: para
uma nova visão de cor-
poreidade e da activi-
dade desportiva»

18 de Março

Sessão LVIII, Seminá-
rios à Hora do Almoço:
António Donizete Pires,
«O mito de Orpheu e o
orfismo: dos clássicos às
paragens do Brasil»

CONFERÊNCIAS

13 de Fevereiro

Biblioteca Municipal de
Arraiolos: Joana Balsa de
Pinho, «Património Cul-
tural das Misericórdias»

19 de Fevereiro

Academia das Ciências de
Lisboa: Fernando Cristó-
vão, «Elogio histórico do
Académico David Mourão-
-Ferreira»

26 de Fevereiro

Sala Adriano Moreira da
Sociedade de Geografia de

Lisboa: Isabel Lousada,
«Entre as primeiras mu-
lheres médicas portu-
guesas», iniciativa promovida
pela Secção de História da
Medicina da SGL

28 de Fevereiro

Casino Estoril – sessão
das Novas Conferências do
Casino dedicada à temá-
tica «Valores e Pós-Iden-
tidades», com a participa-
ção de Carlos Fiolhais e
Moisés de Lemos Martins e
a coordenação de João Rel-
vão Caetano

28 de Março

Biblioteca Prof. Doutor
Amadeu Andrés: Augusto
Moutinho Borges, «Palá-
cios da Rua da Junqueira:
História e Património»

28 de Março

Casino Estoril – sessão das
Novas Conferências do Ca-
sino dedicada à temática
«Educação para a morte»
com a participação do Pa-
dre António Vaz Pinto e de
Miguel Real e a coordena-
ção de Isabel Nery

DEBATES E PALESTRAS

19 de Fevereiro

Escola Secundária Leal da
Câmara: Rui Miguel da
Costa Pinto, «Gago Cou-
tinho e o Estado Novo»

20 de Março

Cineteatro de Albergaria
– José Eduardo Franco
e Fernando Rosas partici-
pam no debate «Religião e
História»

23 de Março

Sala de Actos da Facul-

dade de Letras de Lisboa:
Domicio Proença Filho so-
bre o seu romance *Ca-
pitu – Memórias Póstu-
mas* (1998)

24 de Março

Auditório Sede da CPLP:
Domicio Proença Filho,
«Presença africana no por-
tuguês brasileiro». Inicia-
tiva promovida pela Mis-
são do Brasil junto à Co-
munidade dos Países de

Língua Portuguesa, Secre-
tariado Executivo da Co-
munidade dos Países de
Língua Portuguesa e CLE-
PUL

18 de Março

Sociedade Musical Odivel-
ense – Tertúlia «Conver-
sas com Princípio e Fim»
subordinada ao tema «O
Mito dos Jesuítas». Par-
ticipação de José Eduardo
Franco

Eventos 100 Orpheu

No centenário de *Orpheu*, o CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em colaboração com o LEPEM – Laboratório de Estudos de Poéticas e Ética na Modernidade, da Universidade de São Paulo, propõem uma sequência de iniciativas pluridisciplinares por via das quais será possível fazer-se a justíssima e fundamental homenagem ao Modernismo Português, no centenário de *Orpheu*, revista e grupo com que se deu início a um percurso extremamente significativo, um dos mais marcantes da cultura portuguesa e provavelmente o que mais congregou num único movimento as mais diferentes expressões artísticas. Tendo sido inaugurada no dia 10 de Março, na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a exposição *Atores, Palcos e Contextos de Orpheu*

(1915-2015), em cuja estrutura se integra a mostra artística da responsabilidade do pintor mongol Rouslam Botiev, ficará no corredor de acesso à Biblioteca até dia 31 de Março. Constituída por uma selecção bibliográfica das revistas modernistas, de obras fundamentais dos diversos autores que integraram as páginas de *Orpheu* ou que estiveram no seu contexto e na sua sequência imediata e de vários núcleos temáticos que estabelecem o diálogo entre o Modernismo Português, a tradição cultural portuguesa, as Vanguardas e as vertentes lusófona e ibérica, a que se somam os notáveis quadros de Rouslam Botiev e um vídeo elaborado a partir de entrevistas, documentários e declamações de poesia, a exposição merecerá certamente uma visita atenta. Na semana de 16 a 20 de Março decorreu na Faculdade de Letras um Curso dedicado a diferentes aspectos do

Modernismo Português, todos os dias entre as 18:00 e as 20:00. Foram doze palestras de cerca de meia hora, abordando contextos, personalidades, interdisciplinaridades, aspectos menos lembrados ou propondo novos olhares sobre o muito que ainda há por descobrir no que ao *Orpheu* diz respeito. As conferências ficaram a cargo de Isabel Pinto Mateus, Filomena Serra, Rui Sousa, Steffen Dix, Paulo Borges, Nuno Amado, Pedro Sepúlveda, Pablo Pérez López, Raquel Nobre Guerra, Sofia A. Carvalho, António Cândido Franco e Sofia Santos. No dia 19 de Março, a Fundação Eng. António de Almeida associou-se à programação 100 *Orpheu* para um animado dia de conferências e de debates dedicados ao Modernismo Português. Marcaram presença, entre outros, especialistas como Arnaldo Saraiva, Fernando Cabral Martins, Dionísio Vila Maior ou An-

tónio Apolinário Lourenço.

Entre 25 e 28 de Março, o culminar dos eventos em torno de *Orpheu* conduziu-nos à Fundação Calouste Gulbenkian e ao Centro Cultural de Belém, locais que foram palco de uma das mais amplas reuniões de estudiosos do Modernismo Português de que há memória, assim como de alguns lançamentos de obras recentes votadas a estes assuntos.

Em Maio, também entre os dias 25 e 28, será tempo de a USP receber um segundo mo-

mento do *Congresso 100 Orpheu*, propiciando o diálogo luso-brasileiro que esteve de algum modo implicado na génese da revista modernista portuguesa.

No contexto de todos estes eventos, a figura de António Ferro marcará sempre a presença que lhe é devida. Assim, na exposição encontram-se representadas obras suas, o mesmo ocorrendo com a sua figura num dos quadros de Rouslam Botiev; no Curso 100 Orpheu, a conferência de Rui Sousa ocupou-se dos dois poe-

tas brasileiros de *Orpheu* (Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens), abordando também António Ferro, nomeadamente no que respeita à sua interacção com os modernistas brasileiros e ao diálogo que manteve com Ronald até aos anos 30, tal como Fernanda de Castro; e no *Congresso 100 Orpheu* algumas das comunicações fizeram referência à vida e obra de António Ferro, uma das quais, por exemplo, dedicada à singular e polémica peça de teatro *Mar Alto*. **Rui Sousa**

Fundação Eng. António de Almeida Colóquio: «*Orpheu* e o Modernismo português»

No centenário da publicação da revista *Orpheu*, a Fundação Eng. António de Almeida associou-se à efeméride, atendendo ao vínculo que a liga ao universo pessoano, levando a efeito um Colóquio integrado no Congresso Internacional organizado pelo CLEPUL e LEPEN. Fernando Pessoa encontra-se ligado ao Porto,

pelo menos desde 1912, por via da sua colaboração na revista *A Águia*, órgão da «Renasença Portuguesa», onde colabora com «A Nova Poesia Portuguesa», que muitos consideram a sua estreia literária.

Distintas mas complementares são as razões que justificam o Colóquio e as Exposições inauguradas no dia 19 de

Março de 2015: «Memória d' *Orpheu*» e «A Fundação Eng. António de Almeida e o universo pessoano». Uma delas ilustra, pelo texto e pela fotografia, o elenco de iniciativas promovidas ou realizadas na Fundação Eng. António de Almeida, dedicadas a Fernando Pessoa e à sua obra multimoda.